

**QUINTA-FEIRA**  
**Lisboa--1 de Agosto--1929**

4.º ANO

**Este numero foi visado pela Comissão de Censura**

**5 RESTOES**

167

sempre

# sempre fico

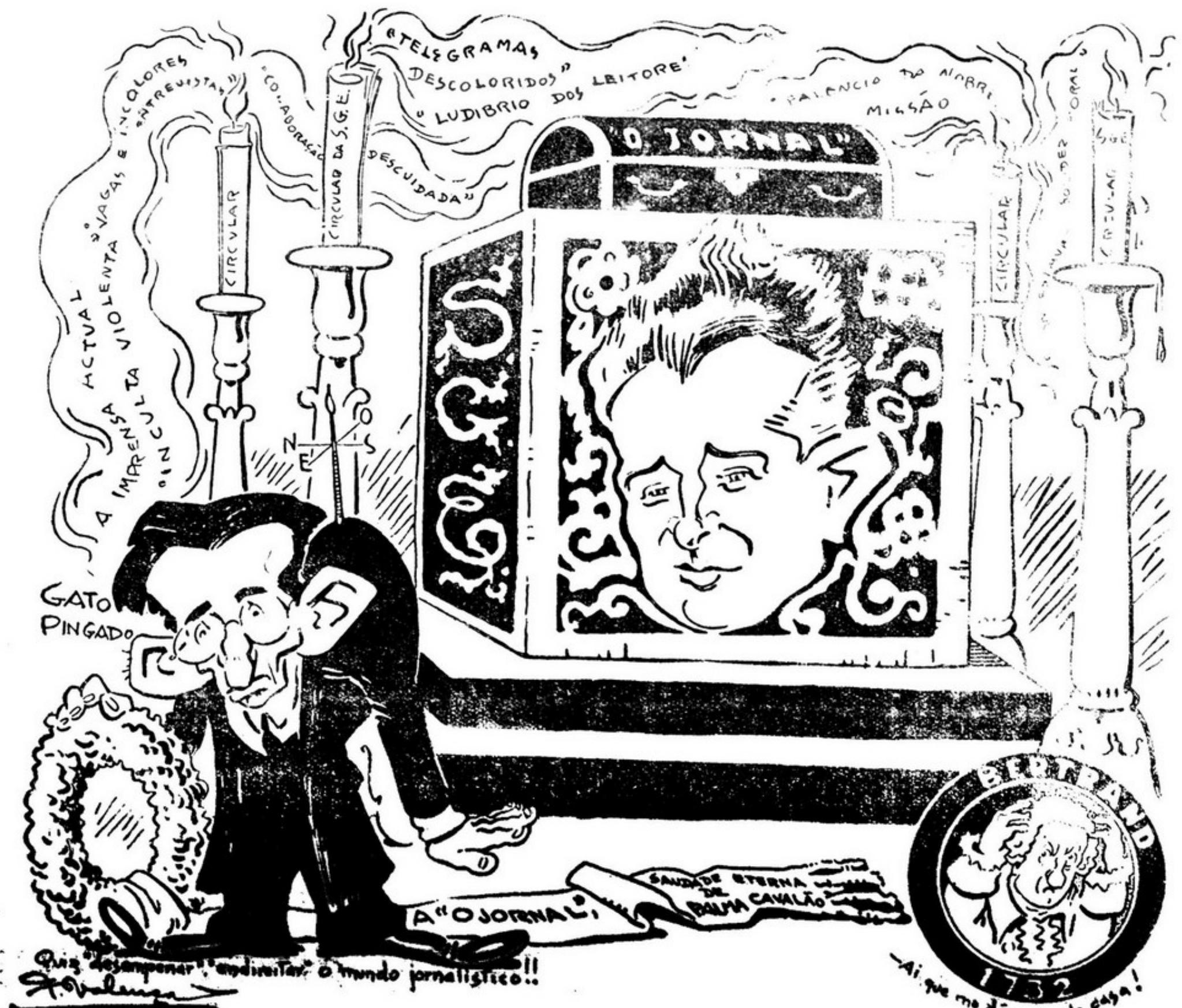


**Propriedade  
RENASCENÇA GRAFICA  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 46**

**DIRECTOR E EDITOR**  
**PEDRO BORDALLO**

**Administração  
REDACÇÃO E OFICINAS  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57**

# **Um nado-morto**



**Enterro de 1.ª classe, com uma eça toda catita**



## Os ditos da semana

### O pato do Rocio

Aquele pato do Rocio, a que o publico começou a chamar pato bravo, é pato mas não é bravo.

Os patos nunca são bravos. São mansos e, geralmente, da província. Deles se obtém uma esplendida matéria prima para executar o conto do vigário.

Aquele pato do Rocio — íamos nós dizendo, veiu ao que parece por via fluvial, desembarcou no Terreiro do Paço e pez-se a olhar em roda. Ainda não tinha dado meia volta, quando viu trez raparigas catitas, como não ha pata nenhuma na província, e o pobre pato, justamente porque era pato, caiu em segui-las.

Entrou na rua do Ouro e o numero e a qualidade e a nudez das mulheres bonitas aumentava. Já o pobre pato não sabia de que terra era, esquecido de tudo, até que era pato.

Por aítuas do Grandela notou com espanto que o numero de mulheres bonitas continuava aumentando sempre. Mais bonitas e mais nuas. Pato que era foi caindo sempre em segui-las e desembocou no Rocio, onde ia sendo atropelado porque, com automóveis a circular em todos os sentidos, até a gente lhe custa a andar, quanto mais um pato.

De repente, ele que sempre foi um autentico pato, viu as sereias dos lagos quasi tão nuas como as madamas da rua do Ouro, mas muito mais bonitas do que elas e avançou como um valente e como um pato caiu no lago. Sentia-se ali como um pato na agua. Nunca mais arrancou dali. Passou frio e passou fome, mas não podia passar sem as sereias. Era pato.

Em volta do lago uma multidão se aglomerava. Cem, duzentos, trezentos patos para ver um pato. Aborrecido mergulhava, mas a certa al-



— Como estás tu, Pepito?  
— Bem, muito obrigado.  
— Agora deves preguntar tambem como eu estou.

— Não, senhor, porque o meu papá disse-me que nunca se deve preguntar coisas que não nos interessam.

tura faltava-lhe o ar e vinha á superficie como um homem e sempre aquela multidão de admiradores a olhar para ele.

Já não podia mais. E fugiu e foi pedir amparo á Rua do Amparo, mas a polícia foi lá busca-lo e tornou a metê-lo no lago.

Quem uma vez foi pato nunca mais deixa de o ser.

### Praias e termas

Nós não somos dos felizes mortais que tem um doença para cada estação. Não temos um medico que nos mande para Vidago nem para o Luso, que nos aconselle a Figueira da Foz ou Cascais. Quando nos doe gememos mas gememos em casa, porque gemer fóra de casa custa muito caro.

As nossas aspirações limitam-se a ir de electrico até Algés e em materia de aguas não passamos da Loja das Aguas. E vamos andando. Mas se ainda nos chegarem lazeras e dinheiro para es-

travagancias, havemos de fazer uma loucura: vamos por ahi fora, até ao estrangeiro, vamos a S. Sebastian da Pedrera ou a S. Pierre-sur-Chaise, que fica ahi para as bandas de Torres.

E já ficamos habilitados a fazer pouco de isto tudo, no regresso:

— Puf... Que porcaria de hoteis. Que borracheira de teatros. Que piolheira! Lá fóra, sim, até dá gosto estar doente.

**Bonecas** Muito espantado com o acontecimento, noticiam os jornais que uma boneca viajou sosinha numa carruagem de 1.ª classe, de Copenhague até Barcelona, trazendo ao pescoço um distico, em varias línguas, pedindo aos passageiros que a auxiliassem nos trasbordos. Mas qual de nós não tem uma boneca assim?

A mais do que as nossas bonecas só tem a boneca de Copenhague um distico ao

pescoço. Bem mais perfeitas são as nossas que viajam sosinhos sem distico e, se algum distico houvesse que lhes pôr, era exactamente ao contrario: pedindo aos passageiros que as não auxiliassem nos trasbordos, que é como quem diz que as deixassem em paz e não se metessem com elas.

As bonecas são todas as mesmas nas quatro partes do mundo. Não gostam de viajar senão em primeira classe e apreciam sempre uma ajudinha nos trasbordos. Essa ajuda é que varia conforme a qualidade da boneca. Às vezes limita se a um simples jantar em gabinete reservado, mas vae muitas vezes até casa-posta no Conde Redondo.

Seja como for são sempre bonecas que se destinam à exposição — umas vezes na rua do Ouro e no Chiado, outras vezes em Sevilha ou Barcelona.

Todavia não podemos deixar de reconhecer uma certa superioridade nesta boneca de Copenhague.

Não fala e não pede casacos de trinta contos. Não é ciumenta e não nos espreita e, se a ajudamos nos trasbordos, também se deixa cair para cima de nós como as outras, mas não nos chama depois insolentes.

Tem uma parte que é toda feita de trapos — isso é verdade — mas qual de nós pode jurar que quando vai buscar uma boneca para seu uso, a longo prazo, não traz também uma boa percentagem de algodão e pano crú?

## Dr. Julio Dantas



Uma figura da Arte e da Literatura, o prosador que melhor conhece as mulheres e o poeta que as mulheres conhecem melhor, o eterno apaixonado do «Eterno feminino».

### À Baixa de madrugada

Pó-Pó-Pó-Tá-Tá-Rá-Ti-Tó Tu, Pó-Pó-Uha! Uha! Uha! Pó-Pó-Tá-Tá-Tá-Tá, Uha! Pó! Pó! Uha! O' seu estúpido, saia do meio da rua.

Pó-Pó Pó Uha! Uha! Arre.



— A senhora testemunha lembra-se de algum sinal particular, pelo qual se pudesse reconhecer a assassina-de?

— Sinal particular... Sinal particular... Ah! Lembro-me... lembro-me perfeitamente de que era surda...



# THEATRO

## «RETROZ PRETO...»



**SOBRE** a crise do teatro parangão, abriu determinado jornal um inquérito sobre artistas, dramaturgos e gente de teatro. As respostas veem vindo a fome pouco a pouco. Há dias inseriu a da actriz E. L. Anos do inquérito, os artigos são precedidos dum aperçamento, sempre elogiosa — é claro — do inquirido. A da actriz citada merece transcrição, merece mesmo registo. Eis-la, na integra:

E. L. é, verdadeiramente, uma artista sensacional. Todas as suas atitudes, inesperadas, de um modismo caprichoso, de uma originalidade às vezes chocante, desbusham a sua personalidade surpreendente. O seu talento, o seu espírito vivissimo, projecta-se sempre em angulos desenriachados, impõem a artista admirável à consideração desvanecida das novas gerações. E, na verdade, entre as canículas intelectuais em formação ainda, que E. L. reuniu a corte dos seus admiradores. A sua personalidade exquisita, agitada por ansiedades frenéticas — reflexo da hora de inquietação que passámos — arreia-nos como uma luz, como um mistério, como uma interrogacão indecifrável.

A sua arte é toda assim: crepitante.

**Artista sensacional!** Originalidade chocante que *debuta* a personalidade! Angulos desenrachados! Ansiedades frenéticas! Arte que crepita, que arranca!

Querrei melhor ouvir com mais mimo?

O inquérito é feito em três perguntas:

— O que pensa da crise teatral?  
Tem o cinema influído no teatro?

— Como aprecia a crítica?

A esta ultima, E. L. não quis responder. Pediu ao jornalista um lápis e um papel e escreveu:

«...»

**Resposta do jornalista:**  
— A exclamação e reticências de V. Ex.S tanto podem ser de agrado como de desgosto...»

Disse E. L.:

— O publico, se quizer, que faça dedução...»

Nós, publico, não sabemos o que de dizer. Confessamos que E. L., que tem hoje o seu nome feito no teatro, a custa de trabalho e de talento, devia explicar-nos, para bem de nós todos, o que quer dizer a exclamação...»

**AQUELE** é da tabela do T. M. V. é o charado *h* vadio ou *h* perdido.

Passo a explicar. Durante a época de inverno, que findou, lemos na tabela dentro teatro — o nome não vem para o caso — o seguinte:

«Imanhã não à casas»

Ora, o *h* que aqui falta deve ser talvez o que apareceu a mais na tabela do T. M. V.

Lastimamos, no entanto, que o acento que lhe *pinçaram* não fosse grave... porque facil era de concluir que seria o mesmo...»

**FALA-SE** — talvez por hábito — em crise teatral e em que o público abandonou os teatros.

Não é assim. Esta época de verão está correndo às mil maravilhas para as empresas. As casas enchem-se, a esgotar.

No T. N., então, bate-se o récord das esgotações. Desde a primeira re-

## O grande e "orrivel" sucesso do Nacional



ESTER MARY  
LEÃO DUGAN  
SERÁ  
ELLA A  
CRIMINOSA.

### Um banco de reus que se ha-de transformar em banco de notas

presentação da peça «O processo de Mary Dugan» que aparece, todas as noites, na bilheteira, e às vezes horas antes de começar o espectáculo, o feliz letreiro:

«Vão ha bilhetes na casa»

Este letreiro do T. N. não servia há quantos anos?

O Almeida — só as pessoas de teatro sabem quem ele é — com aquele sorriso bondoso de hon-histíssimo empregado, inquirido sobre isso, disse-nos que *ainda* se lembra de ele ter sido posto tantas noites na bilheteira.

Parceiros até que é caso virgem neste teatro — rematou o nosso bom Almeida.

Realmente, o letreiro parece que sorri de contente para o resto do público que fica todas as noites sem bilhete, debaixo da arcada.

Se lhes parece... Vêse a apañhar ar e limpo da poeira... daquela poeira que o T. N. tem por todos os cantos!

Abençoado letreiro!  
Sejas bem aparecido!

— Parabéns ao V. B. — como diz o bilboio ao rematar o objecto comprado.

**DETERMINADO** actor, conhecido como *blagueur* impudente, disse de um seu colega que também é enteazario:

— Ainda bem que ele não atrapalhou essa peça. O papel não era dos que lho estava na *cara*. Verdade seja que a ele só lhe estão na *cara* os papéis de forrar casas...

A. C. — o autor do *Zilda* e do *O Oiro* — parte em breve para a África. Deserta das fileiras do teatro.

É um dramaturgo de talento com que o teatro vai deixar de contar.

A. C. faz falta a literatura teatral. Como ele temos poucos. Verdade seja que alguns, que por cá ficam, tam-

bém fazem falta, mas não tanto quanto a ele.

Bem — vendo-se estivéssemos em Almeida, que é o nome da sua cidade. Temos que falar em novo heróis que nos apresente nas peças. Será o meu filhão, A. C., infelizmente, o dramaturgo, e metterá um valor a um vaso que que o teatro perde.

DIZ um romance de revista: *charte*.

— A revista *Charte* está resolvendo os últimos retângulos da trama dos seus ensaios de conjunto, no mesmo tempo que se prende a sua grande intenção, pôs que afinal dos infortúnios seca-tristes e descorados, dispersos por todos os quadros, um delas passasse já dentro de alguma no interior de uma piscina original, onde os artistas realizariam os seus papéis, contrastando com cantando e fazendo exercícios de nadar, natações e esp. etc.

Quero dizer, os artistas vão fazer tudo debaixo de água, menos o que toda a outra gente faz... é maior banho e banhos!

E dai talvez seja uma forma de... Vai de calmaria!

**REALMENTE**, o actor S. R. tem razão. Não assinou nem pediu assim. Era contra os seus principios. Ele foi sempre pelo *interior*. Que me preste...

A. P. — actor a quem o critico deu algumas rubbas de valor — respondeu:

fazer uma por sua conta e risco. Não agradou...

Há empresas que, sem nessas das de fazendo os seus ambiços procurando prejudicar os outros. Quem se fia? Se por ambição...

Como pensam que o júiz, nesse momento, para o público, é autorizar um julgamento... imitando os ambiços do T. N.

Pecas onde não há julgamentos, para que serve dizer que os ha? No do T. M. V. lá vinha há duas.

— Hoje — o *Julgamento da Rosa Engatada*.

A empresa do T. do G. levou o desplante a publicar no anúncio um boato que representa um tribunal e ao lado da este o diálogo entre o juiz e o réu...

Não há direito!

Fagam a sua vida, mas não a façam desta maneira...

Não é benito!



— Já sei, vens do Parque Mayer. Para quem gosta de charadas aquilo é um verdadeiro... quebra-cabeças!

VIMOS em Paris a 1073 representações da opereta «Rosa Marta»!

Como sabe bem ler isto e como há de saber bem aos autores aquele rendimento diário!

Os nossos autores, que quando fazem a 15.º já se podem considerar felizes, o que fariam se alguma das suas peças chegasse as 1 073!

Na noite que perfaz as 1.000 representações, autores, artistas, músicos e todos os empregados do teatro, juntaram-se numa ceia. As mulheres apareceram de cabeleiras brancas e os homens ostentavam largas barbas e bigodes também brancos!

Só os franceses é que se lembravam dum a tão graciosa brincadeira!

**O Homem das 5 horas**

# UMA ANECDOTA

Caro leitor, se suspeita das costas de Madrid que apertava a correspondência entre as várias cartas com endereço incompleto, encontrou uma cuja envelope dizia:

*Páro Nossa Senhor Jesus Cristo.*

O empregado continuou o trabalho e, terminando ele, foi mostrar a estranha carta aos colegas que, reunidos, desveram afronta para a devolver ao remetente, caso encontrasse indicação para isso.

Com grande espanto, viram que a carta era escrita por um pobre campino, que se queixava amargamente da vida, das suas misérias, da sua doença, enfim, de mal e uma consternação.

E pedia a Nossa Senhor Jesus Cristo para lhe ministrar o sofrimento, enviando-lhe cem pesetas, por isso que, se as não atingisse dentro de uns dias, teria de abandonar a casa onde morava, etc., etc.

Os empregados, convencidos de que a carta era na verdade escrita por um campino ignorante e mentiu fermamente a Deus, resolvem abri-la entre si numa subscrição.

O certo é que, porque não eram ricos, as subscrições também não davam para o pobre, conseguiram entre todos arrecadar cincoscentas pesetas que, com a maior negra, enviaram ao campino dentro dum envelope da parte de Nossa Senhor Jesus Cristo.

Passados tempos, nos voltaram a apresentar outra carta para Jesus Cristo, de mesma autoria.

A certa dia, assim:

«Meu querido e amado Nossa Senhor Jesus Cristo! Hoje é dia de São João, dia do grande favor que queres de mim pôr-me. O que é pôr a Nossa Senhor a que se tiver mais satisfação. Vou querer visitar-me alguma coisa e não faço por intermédio dos certos porque, se da outra vez me furtaria, eu de certa pescada.»

*Também*



É verdade que este medico faz dentes sem dor...»

«Sai, senhor! E se me doer, o seu é todo o direito de gritar!»



«Se o senhor é cavaleiro, olhe que me espanta o peixe.»

## TAC-TAC-TAC

### Asuero ou o método de assoar-se sem dor

O meu amigo O. Alhadas, que, de ser estudante sem exame possível, ficou sempre a estudar, estuda agora o método do dr. Asuero. Mas estuda-o com profunda consciência. Diz ele: — o que quer dizer *Asuero*? e explica *Asuero* quer dizer *assuarse*. E deduz, como um simples Membro da Nossa Academia: — *Tequiero* quer dizer — *eu te quero* — *Asuero* — eu me asso, porque, pela conhecida lei do uso e sobretudo do abuso se empregou a primeira pessoa do indicativo presente pelo infinitivo.

Mas voltemos à *vaca fria* do dr. Asuero, que está muito bem que assim se diga, visto que, sendo o seu método constituído por um ferro em braza agindo sobre o nariz de cada um — e, por assim dizer, método de *carne assada*, e como só depois de arrefecer e que ele se vê se está bem ou mal, corado, ou mal passado, chamar-lhe *vaca fria* é bem a propósito, salvo seja, que eu não sou filho da sua Mãe.

Enfim, como dizem os franceses, O. Alhadas assim chamado por que se metia em cada singular do seu nome, que até se via grego, descobriu que era um portento, dese berria a que já seus bondosos progenitores haviam feito exactamente no ano da graça de 1905, em que muita graça nasceu com sete meses e sete dias, e com sete dedos num pé.

Tiraram-lhe um dedo; tiraram-lhe dois dedos... quer dizer, tiraram-lhe, um depois do outro, os dois dedos a mais (porque, além de tudo, estavam caros os dedos) e o menino Alhadas ficou tão bom, como um pôr, o que é, ademais, um grosso paradoxo porque *pôr* *Belchior* e o diabo e são a certeira de Santo, o que não faz sentido.

E, enfim, O. Alhadas aparecerá a vida — «Bem-vindo, Deus! — fermoso cumprimenta ele.

A verdade é que estas brandas e juidosas considerações vêm umas atrás das outras, como as cores,

como diria o dr. Cerejeira ou o sr. António Cabreira, um dos mais valiosos Conde de Lagos.

Portanto, como quem não querer imitar Kipling (celebre escritor inglês que ainda não morreu porque ainda não calhou) direi que O. Alhadas, sem mais aquelas, descobriu no cérebro entupido estas que seguem celebres novelas (*de: nouvelles — novidades*).

O. Alhadas experimentou o método do dr. Asuero. Como não sou malcriado, não me puz por detrás dos pestões das capas dos bedéis para ouvir melhor, porque abomino o telefone.

Mas ouvi. Mas sei que colheu alguns resultados maravilhosos.

— Dum sei eu, conta Alhadas com volubilidade, que não falando havia mais de cem anos, logo que o doutor lhe prantou a braza no nariz, desatou a falar como um papagaio.

— Mas — disse eu — se era surdo de nascença era necessário aprender o português, como só ser preciso para as crianças.

— Ora essa! Pois falou, sim señor; e não só desatou a falar perfeitamente, como ate começou também a escrever, como se tivesse andado no leiro.

Mas a que ele conta mais singular é daquele outro mudo que também voltou a falar do pé para a mão.

— Foi tal qual assim: O homem chegou, fez que sim com a cabeça e sentou-se na cadeira em frente do médico. Este pegou no galvanocautério e espetou-lhe por uma vena. Espalhou-se logo um cheiro específico de chifre queimado e o homem espirrou.

— E depois?

— Depois, levantou-se e disse: — *all right!*

— Homem, então isso foi em Inglaterra...

— Qual o quê, seu bruto! o aparelho é que era de fabrica inglesa.

Cirano de Velhofrac.

## O "Fixe" no Porto



Aníbal de Moraes director do «Jornal de Notícias», uma das primeiras cabeças dos jornais do Porto e o primeiro nariz da Cidade Invicta.

## BOM HUMOR

Na Bolsa discute-se um caso palpável.

— Imaginem que o pobre Salomão perde tanto dinheiro na Bolsa que endioceceu...

— E pagou os prejuízos todos?

— Não, — assevera o outro judeu — também não está assim tão doido como isso!

\* \* \*

— Meu marido tem tanto que fazer que não está em casa mais que uma hora.

— Oh! filha. Mas isso deve causar-te uma grande arreia.

— Nem por isso. Uma hora depressa se passa...

\* \* \*

Numa *soirée* particular apareceu um violinista a executar uma sonata, não obstante estar com a cara toda entrinckada. Quando terminou, um dos ouvintes perguntou-lhe:

— Ja alguma vez tocou esta sonata em público?

— Ainda não.

— Então porque é que traz a cara nesse estado?...

\* \* \*

Certa dama casada, mas de muito má língua, conversa com um cavaleiro:

— O senhor desculpe que eu lhe diga; mas os homens são todos uns grandes idiotas.

— Todos é exagero, minha senhora. Eu conheço muitos que são solteiros.

\* \* \*

Um sujeito que por milagre não fôr atraido diz indignado para o chauffeur:

— Você não sabe tocar a busina?

— Lá isso sei. O que eu não sei é conduzir o carro por enquanto.

\* \* \*

Entre amigas:

— Já sei que ganhaste o primeiro premio da tombola. Porque foi que escolhestes o n.º 20?

— Porque é a minha idade.

— Tem graça. Vou fazer o mesmo.

— Não podes, porque a tombola só tem 36 números.



— Ora aqui tem V. Ex. a dentadurazinha que parece mesmo verdadeira...

— Mas... doi-me muito...

— Pois é por isso que parece mesmo verdadeira...

**Quereis dinheiro?**  
Jogai no

**Gama**

Rua do Amparo, 51 — LISBOA  
Sempre sortes grandes!

# Cronica dos Tribunais

— Esta aberta a audiencia! — exclama o oficial de diligencias.

Toma lugar no banco dos réus uma menina de 20 anos, bonita a mais não poder ser. É acusada de ter descalçado o sapato e dar com ele na cara dum D. Juan, que depois se queixou dela à justiça.

O juiz, interrogando o queixoso:

— Você... um latagão... um homem robusto como é...

— Mas ela bateu-me á traição, sr. juiz...

— Porque a perseguiu. Não sabe que isso, sobre ser lesivo do respeito que uns e outros nos devemos, é prova grave de incorrecção?

— Ela é que me namorava a mim...

— O que eu devia fazer era condená-la a oferecer a ré um par de sapatos de bom preço, como indemnização, para lhe ficar de lembrança a sua incorrecta atitude.

\* \* \*

Outro julgamento:

Responde uma mulher acusada de brigar com outra.

O juiz interroga-a:

— Que idade tem?

— 43 anos!

— E boa... Tem a minha idade...

\* \* \*

Nos Pequenos Delitos:

Responde um homem acusado de resistir e desobedecer a polícia.

O juiz interroga o captor:

— Qual foi a ação deste homem?

— Portou-se de tal forma que tive de empregar a força muscular e material.

— Sim... Sim... Já percebo!



— Que dama tão formosa!  
— Sinto não poder-lhe dizer o mesmo, cavaleiro...

— Faça como eu, minha senhora; minta!



— E' verdade! Meu marido morreu afogado...  
— Coitado! Ele, no fundo, era uma excelente pessoa...

## NO RESTAURANTE

### Aventura dum senhor e dois lindos meninos

O guarda-vento do restaurante abriu-se e deu passagem a um sujeito acompanhado de dois meninos, extraordinariamente contentes, porque logo à entrada, indiscretamente, quasi gritavam:

— E também comemos doce?

— Sim, mas hão-de estar caladinhos, murmurou o sujeito que traia pendurados, os dois meninos.

Estes, revelando o grande mimo dos papás que fazem os filhos malcriados, continuavam a gritar:

— E nós também vamos comer daqui? Eu queria um bocadinho daquele bicho, cozido...

O bicho cozido era uma enorme lagosta, que fôra metida ao natural, no panelão.

O freguez que lhe chapava as pernas, comia e de vez em quando, olhava para debaixo da mesa, onde se aninhara o seu cão, e o pobre do dono, exprimia a sua grande tristeza porque o animal não gostava do tal bicho cozido.

A entrada do sujeito e dos dois meninos, o cão levantou-se, rosnou forte, os meninos continuavam a gritar, a pedir acepipes, e o dono do cão e outros comensais mais próximos, murmuraram:

— Quem será este sujeito e os seus dois meninos?

A lagosta e a cabeça com ervas, desviaram a atenção para o prato, e não mais se pensou nos meninos e no tal sujeito.

\* \* \*

Os três novos comensais tomam lugar à mesa. Um dos meninos quere assentar-se ao guardanapo. Felizmente quando veio o criado os meninos entraram na linha.

— Quem é amiguinho... quem é amiguinho... dizia deante do criado, o sujeito aos seus meninos. Ora muito bem! Querem sopa... não é verdade?

Três sopinhas... Trago então três sopinhas.

Os meninos mostram-se radiantes. Até ao fim da refeição, o comer tapou-lhes a boca, e assim diante do

criado, fizeram boa figura, como filhos obedientes de um papá que sabe impor o respeito, à mesa.

Finalmente veiu o doce.

O sujeito, que não padecia do estomago, fazendo por isso as horas a magnífico jantar, pediu charutos, e quando os meninos se preparavam para lambir os dedos, o criado perguntava se queriam mais alguma coisa, o homem dos dois meninos, levantava-se e diz:

— Agora os meninos, vão ficar aqui um bocadinho, muito sozinhos, que eu já venho, sim? E se não estiverem sozinhos, não vamos ao antimatografo...

Saiu, soridente, airando grandes baforadas do enorme charuto.

O cavalheiro que comia lagosta era dono do cão, acumulava estas funções com a do bisbilhoteiro.

Ao ver o criado que servia os meninos, e o sujeito de grande charuto que acabava de sair, inquietou:

Ali está um homem feliz; traz os filhos a passear; janta fôra... Não devia ter gasto pouco no jantar, porque eles bateram-se muito bem... Quanto?... Quanto gastaram eles?

— Ainda não fez contas... — exclamou o criado. — Naturalmente volta, e faz ainda mais despesa.

— Os senhores conhecem-no?

— Não.

— Então, e se fosse um intrujo?

— Bem vê, que tem ali os filhos... Que diabo...

\* \* \*

Ao fim de hora e meia, o gerente aproxima-se dos meninos, e pregunta:

— Onde foi o papá?

— Não sei — diz um deles. O outro, mais atrevido: Ele não é meu pai...

— E daquele menino?

— Também não!

— Então ele não vos pertence?

— Não senhor. Encontrou-nos no jardim, e disse-nos se queríamos jantar com ele, porque conhecia a nossa família e depois nos acompanhava a casa...

O gerente da um berço:

— Ah o grande patife... Comerões!



— Andam faunos pelos bosques! Isso era dantes, agora os que andam são de... pedra...

## Prosa de Cha-Velho

Dizem os jornais espiões que Fuentes Bejarano, na ultima tourada em que tomou parte no Campo Pequeno, agradou especialmente no *salto da garrocha*, tendo sido esacado em hombrada.

A fantasia dispensa comentários; mas sempre queremos lembrar que, nessa ultima tarde de Bejarano, possivelmente definitivamente ultimamente ele deu o salto da garrocha nem o bom publico o *asaco en hombrada*, nem a ele nem a nenhum outro dos *espadas* que para Espanha se vão gabar de ter andado aos hombrados portugueses.

Autenticos saltos da da garrocha sobre a verdade.

\* \* \*

Iniciou-se a feira de Valencia na quinta-feira da passada semana, de Julho, com corridas diárias que só acabam a 4 de Agosto corrente, total onze corridas em que cento e dez touros serão estoqueados por uma duzia de toureiros.

Com o calor de Valencia, e os toureiros frios de agora, parecem-nos que se não divertirão muito os heroicos valencianos...

\* \* \*

Gaganchos, o famoso toureiro ciganos que deixa touros vivos por todas as praças, recebeu da America uma mensagem que os jornais visitinos publicam com comentários humorísticos.

«Milhares de americanos diz a mensagem — o concordam como um verdadeiro cavaleiro ao negar-se a cravar uma espada no coração dum touro, e por isto o estimam com o mais profundo respeito...»

Esta bem que os americanos felicitem «Gaganchos» por não matar touros, mas supõrem que ele se nega a cravar espadas nos touros é profundo erro! O que ele mais faz é cravar espadas, senão no coração, no pescoço, nas espáduas, e onde callha!

E lembrar-se a gente que por Espanha anda agora um americano — Mister Sidney Franklin — que mata todos os touros que lhe soltam!



— Devo prevenir-lhe que na minha casa o serviço é muito pesado...

— Não faz mal!... Eu lá na minha terra também tinha que tratar das bestas e graças a Deus...



— Este bicho está uma indecência. Tens que me comprar outra pele. Vê umas a três contos.

— Impossível, minha filha. A mulher dum funcionário publico não pode meter-se nessas despesas, porque quando saisses á rua tiravam-te a pele.

# Meninas, atenção!

Nas horas para ir de todos os dias chama-se a atenção ao sexo fraco, que se forma forte ante os homens, para que se tente a relatar.

Antes, pois. Havia dias, os grandes rotários e outros haviam que determinado o Dr. deserto, casal com W. C., desde que esta Waldemira tivesse boas e magníficas notícias em papel. E o maldito Baptista, que é dandinho para as coisas, conseguira o seu por Waldemira, mistificando-o muito, e fogo se tinha de corpo e alma. Dentre díndas para a moedaria, paga a indumentaria e mais a tua. Basta tu ser tua desatada. Mas, n'esse assunto tinha deixa para as conquistas, por ter tal Comunidade que ele não queria nadia. Resumindo sempre afogar-se... E por que trazia tão chambão e dizer-nos: "mocheta", não compram a mobília, não compram a indumentaria, não foi aos medos tratar da vista e não casou. Todavia, gastou os dinheiro nos alfaiateiros e mais casas de perdição.

Ora, o homem júgalo, agora, que te do isto e resto. Mais, não é. Desta vez não há risparia. Estam o S. R. e

A sen. Waldemira Matos, em dia da Vida Um, 35, fez apresentar ontem à polícia contra Baptista Durão, residente no Cariacica, a usanaria de ferro tendido com a importância de dois metros e meio que ela lhe continha para a compra de uma mobília, para ambos, pois fui tempo que se namoravam e estavam para casar.

É claro que o homem ainda não apareceu — nem as *leis*, nem os *pares*, que a mobília é feita deles, tem o corpo ou espírito?

Fugiu covardemente deixou a pequena em amores, e Baptista quis que durasse. Durão, ainda a *morte* com as mulheres de paleo, o teatro para de tudo que esta vida não passa dum espetáculo de feria.

E entrar, meus senhores! — o Dr. Túlio, meus Túlio! do que o mundo, entra em toda a parte, ate na gruta Garbo, a mais famosa estrela do cinema.



— Conhece a regra de companhia? — A regra de companhia é... é... diz-me com quem andas, desde hei os mambus que tensa.



— Desculpe não ter ido ao seu casamento. Mas para a primeira não me escapa...

# Com... trastes

Eu que não sou magro nem gordo, sei moço assé uma estatura ordinária, sete andarões baixo... Também tenho um quarto onde durmo, que é modesto e muito desesperado tratar com opulência, para fazer desmobiliar-se de invadir os dos meus vizinhos ricos.

Precisamente neste quarto modesto reside um confortável cíprio, ao qual, para ter estes dois prediletos, só falta ser cíprio e confortável — há quem embreia em chamá-lo de dentro.

Próximo destes móveis, alto, inova porque entro seria um automóvel, encontra-se, sobre o toilette, um belo relógio de bolso — o meu relógio. Este senhor é tão ordinário, que mesmo a própria caixa, de ouro, é triste de agarrar.

Altas horas da noite. Acordo, sem meu elâto cíprio e para fazer crer que a cama é o meu travesseiro.

Oigo, em fundo de estrada, o que abruzzo lhes conto em português para não parecer pudiça a esses prediletos modernos futuristas.

*Um bicho do meu casaco* — isto é um desafogo! Não basta impedirem-me o sonho de passar a noite em sua cama, semão pelo em promiscuidade com gente ordinária!

*Um dos meus sapatos*. Alto, semelhante a um sapato, que é a única satisfação a ofensiva que acaba de fazer aos meus costos.

Porfírio, enxá hebri! Considero demasiado os custos de V. Ex. para que os trate com menor estimação! A coisa é outra.

Muito bem! — aposta o puxador da porta. Estou ao tanto da questão e julgo merecerem os culpados que se lhes faça uma boa cama!

Cama e comigo — grata estou — de mim não deve haver nenhuma, porque acho que todo é um espírito de virtudes!

Qual espírito, qual carapau! Ha aqui, porventura, mais alguma espécie do que eu?! — barafusta este coitado arremedador da soledade.

— Ah! Ah! Ah! — troga o pente. — Também você se mete seu macaco de imitação, seu meot...

— Calce-se, ou lhe parto os dentes, seu filho dum chifre! Você é que sera meot...

— Termos!... Não ponham apes no termo! — criei de sob a cama uma voz de leiga...

— Calma, senhor! — aconselha o pincel da barba passando a mão pelos raro cabelos. Tendo seguido a conversa, e, se não é desrespeito,

— Escova?! Julga, então, que sou eu? — acode esta senhora, irritada, com os cabelos em pe.

— Dizia eu que, se isso não é mentira, deverão esses senhores ser punidos pela sua falta de acejo no atel.

— Falta de acejo em mim?! — zorra o senhor toilette, abafinhadíssimo. Venha cá cheirar-me os sovacos das gavetas ou os meus pés de finíssimo pinhol... Falta de acejo?! Ai, que eu puxo-lhe os cabelos!

— Ordem, senhor — torna o venerando pincel. — Não barafustemos de bitte.

— De balde? Mas quem é que barafusta comigo? — indagam do lado do

bavatorio. Vemba para cá que eu estou aqui para lhe verter águas no focinho! Não sou de ligas medidas!

— Se isso é comissão, velharia, viva mal! Nos não somos medidas! — asseveram as menas. — Ja, vés, para a gente não liga!

— Não?! Então para quem somos, senão para vocês? — chocarraram as ligas. — Ora as delabidas! Lá perde comissão a sua nobreza!

— E, então?! Nós chegamos a tor brazão, enquanto que vocês... Pff!... Ha quem vos empregue para guardar a navalha?

— Eh lá, ó velhundas! — saltou a navalha de barba. — Virem de bordo, porque isso para mim não gruda! Se me aperquim que ocasião, sobreme o estrelil no queijo e, quando o diabo se barbeia a meuprinha, afinal-lhes dois traços na facinha que vos transformo a imágem, hein!

— Fora! Fora! Morra a sacrifical Foral!

Há um relógio extraordinário e por entre a algazarra ouvem-se frases como estas: «Engelhe duas bocas no fio se se atreve a falar na imaginação, em perco o ambo a dois dentes, mas don'ts cabio do calote! (Esta última era do penho)...»

E que, devia explicar, em torno no quarto uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes.

De repente, a navalha faz menção de sair da cama, e enfisa o que foram elas! Quinze tudo em cima, e só ficaram satisfeitos quando o penho se recorreu privado de cinco incisivos, a cama com um nó estorachado, a mesa com uma canhada numas das pernas e o balde arranhado no abdome.

No fim da peleja, ouviu-se a voz do pincel de barba que, sempre na tonalidade intencional de manter a ordem, conseguiu fazer-se ouvir. Alvítra nomeava uma comissão que me fugia sciente da querela e me pôs a sugerir medidas, tendentes a punir severamente e como o manda a autoridade da Justiça, os sacerdotes que vivem fora da lei.

Acetei a proposta, compõe-se esta comissão deu a garrafa de água, que de tanto chorar por lhe terem feito um machão no copo, já encheira o prato de lagrimos. Em consequência da esfar contumamente com o fundo em agulha, contraiu uma hidropisia.

O copo e a escova dos dentes. Esta contenda! — saiu — sem parca — da contenda.

E, por fim, o pincel da barba — o presidente da comissão.

Abordaram-me e o presidente referiu longamente o caso, acabando por pedir o mais rigoroso castigo para os delinqüentes.

Despedi-o, enfim, e tudo voltou à santa paz.

Vou dar-lhes parte do que causara a indignação e subsequentes vias de facto dos meus hiper-fogosos farcos. O caso não era, na verdade, para meus descorbrisse se que o meu relógio cultivava caspa no cabelo... e julgava-se que ainda mais alguma coisa... E o descaradão do amigão tinha um repelente acesso nas costas e uma excellentíssima puiga mesmo na barriga dum a perna!

Era demais! — S. NEVES

# Elevador da Gloria

O duque Antunes, que comandava o exército de Espírito que se batia pela pátria, obrigava os oficiais dos vários sectores a enviar-lhe diariamente uma nota das ocorrências.

E o certo é que, se alguns dias davam assunto para notas, outros sucedia não haver nada para citar.

Uma vez, o capitão Descartes, que comandava um dos sectores, já farto de inventar coisas para o diário das ocorrências, mandou ao duque a seguinte nota:

«O capitão Descartes — da parte do Duque Antunes — de que por haver ser lhe sido mandada seria inútil.»

Rent sentava-se uma peça em três actos que era uma perfeita completa inacabada.

Os espectadores sentiam-se abrigados, mas, com uma coragem que dava direito a Orden de Cristo, lá foram suportando a peça entre bocejos.

A metade do terceiro acto, um espectador que se sentara no meio duma fileira levantou-se para se retirar.

Claro que os outros espectadores, para lhe dar passagem, fizeram de levantar-se também. E, nun dito, aborrecido com a história, dissellei:

— Ora está! Olhe que o acto ainda não é acabado!

— Preis é justamente por isso que eu me venho embora!

Outra vez, num teatro de Lisboa de que era proprietário um sujeito chamarlo Tiberio, representava-se uma revista. A platéa não sentiu nenhuma agradável pega, com um certo pezinho do emprador Tiberio, que assistia a *romances*, numas fitas.

Quando, a certa altura, entrou um numero que na platéa desperdiçou brutal as sorrisas, um espectador, voltando-se para Tiberio, disse em voz alta:

— Ah! Tiberio! Tiberio! Agora é que o caso está serio...

Claro que a peça caiu.



— Meu amor, tu ressons?

— Não, querida, afirmo-te!

— E... como podes tu ter essa certeza assim?

— Ora essa!... Porque passei uma noite inteira acordado, a escutar!



— E' tão descarada que anda sempre a dizer insultos que nem ao meu próprio marido eu era capaz de chamar!

## "A Peninha" "Restaurant"

O seu proprietário previne os seus Ex.ºs amigos e clientes que reabriu este acreditado "restaurant", na rua Pascoal de Melo, n.º 9.

Esta mudança fez-se em virtude do predio onde se encontrava instalado ameaçar ruína. Este "restaurant" encontra-se em ótimas condições de fornecer almoços, jantares e ceias, para o que está aberto toda a noite, enviando-os também aos domicílios, com pessoal devidamente habilitado e sob a direcção do seu proprietário, que espera e agradece uma visita à nova

**"PENINHA"**

9, Rue Pascoal de Melo, 9-A (a Almirante Reis)  
(junto à fábrica de cerveja Portugal) — TELEFONE N. 5582



O que se diz e o que se não deve dizer

## A regata do Club Nautico

Num país de macambuzios, de magrelas, de derreados, de espinhetas em arco como o rôxo, ver uma duzia de rapazes, secos, rijos, desempenados, sem medo ao calor torrido nem à agua, meteram-se num barquitos feitos quasi de meia casca de noz, tendo por vela uma folha de mortalha, a tomarem parte numa regata, em vez de estarem na praia perfumados, em ponto de rebuçado, dizendo parvoezas as meninas, que ainda do que eles são mais parvas, porque os alvaram, tem sempre para nos a mais profunda das simpatias.

Assim, costumados a graciar de fundo, devemos confessar — sem pena — que o passeio de domingo pelo Estoril, seguido de regata no Estoril, organizado pelo Clube Nautico de Portugal, foi simplesmente encantador e que a nossa critica ironica emudeceu ante tanta gentileza dos dirigentes Mario de Noronha, Barnay e Pai Black, jusque ad mortem rapaz, rochinchudo, vermelho, passado pelas brasas, sempre risento, um verdadeiro Bebe Cadum.

Porém, duas coisas são dignas de nota: — a primeira, os dois amigos íntimos do *Sempre Fixe*, e tão garotos como ele, de idade não mais de doze anos — Henrique Noronha e Vitor de Nascentes, que na regata classificaram em 5º lugar, indo os dois no mesmo barquinho, servindo este ultimo de lastro.

Belos tipos de catrões, espertos, vivos, de olhar recto e firme, de ges-

tos vigorosos, com a alegre aparença de não desconhecer que estes elásticos exercícios náuticos dão aos seus ainda verdes músculos toda a delicadeza e elegância do seu já fino garbo. Era assim que todos os rapazes de Portugal deviam ser.

A outra foi uma mala negra que acompanhava sempre, mas sempre, inseparavelmente, o nosso querido amigo B... — intimo dos grandes de Esposende — cheinha de peixegos, mas peixegos de comer, sim, daqueles que se cortam em rodelas e em infusão de *champagne* fazem um delicioso cup.

E o curioso é que a festa a abençoada B... levou para casa a mala negra que tinha trazido, com os peixegos ficados lá dentro.

E ninguém soube qual o motivo porque andou, todo o dia, o nosso bom Benedito com os peixegos atraç de si, sem oferecer aos amigos, nem ter coragem sequer um na praia, escondido, sem ninguém ver, sob este céu todo anil de Portugal.

### O Leme.

#### Um novo método de correr

Nos concursos nacionais de atletismo produziu grande sensação um corredor de *meio-fundo* e de *fundo* que disputa as provas pelo sistema de etapas tracionadas...

Ora corre em passo cadenciado, ora em velocidade pura.

## Dr. José Pontes



O pai do sport nacional, o inventor do intercambio desportivo internacional, o precursor da educação física e da boa educação, um rapaz cheio de sangue, o Zé Pontes, enfim.

O Seculo chama a este processo: — um novo método de correr aos arrancos e aos puxões.

E' melhor, talvez, chamar-se processo telegráfico; — ou novo método de correr em ponto, traço, ponto traço.

\* \* \*

Um telegrama de Albufeira diz-nos que nesta terra algarvia se jogou no campo da Orada um desafio de *football* entre o Marítimo Olhanense e o Imortal Club.

So estes grupos podiam jogar com um campo destes, e no Algarve, O Marítimo joga, e claro, mesmo debaixo de agua. E os homens do Imortal são, evidentemente, imortalíssimos.

\* \* \*

Uma agencia chevroletina terá brasileira organizou um álbum para registar as opiniões dos seus visitantes e admiradores.

Dele recordamos estas duas estrofes caipiras:

Depois que este intimegate  
Carrinho de quatro roda  
Entro direito na moda  
Viuando pela estrada,  
Jugó os burro no matto  
E, bancando um rei, de facto,  
abó com toda a boada.



#### ATLETISMICES — Com um bocadinho de cola e um rotulo faz-se um atleta em Portugal.

Cunhado Chico Pereira  
Que usava anquinha inté honte,  
Meu Deus! eu não sei se contei  
Perdeu a vergonha inté!  
Botó fogo na littera  
E, requebrando as cadeira,  
For comprá um Chevrolé.

\* \* \*

E, para rematar outra historia brasileira:

Dois caipiras foram passar em S. Paulo. Um deles sabia ler malinal. Ao chegarem a uma rua em concertos, notaram uma taboa atravessando-a com os dizeres:

*Proibida a passagem de veículos.*

— Compadre! Vancê diz que sabe le... Chegô a hora de vance Jazé bunito in S. Paulo. Vancê é capaz de le o que escreverô naquela transpéra?

— A primeira letra eu ja cunheci! E' um P grande... — E pôs se a soletar, a sua moda: Purri-bidô... apassage... de ve-hicô... Puribido a passage de vehico...

— Mais, compadre... Nós será vehico?

— Uai! Pois tudo que tem veia é vehico...

#### Rebol-A-Bola.

#### Maria não quer nadar

Tu tomas banho, Maria?  
Preguntei su outro dia  
A minha gentil criada.

— Não, senhor — responde a dita —  
Quem é que vai nessa fita,  
De andar agora lavada.

Não é disso que se trata,  
Maria, tu és ingrata,  
Ou então não me percebes,  
Falta-me já a energia,  
Não se trata de lavagem,  
Nem da agua que tu bebas.

— Sales nadar? — Não, senhor,  
Ja lhe disse, tenho terror  
A's salsas ondas do mar,  
Que disparatô Ora está!  
Que linda seria a festa!  
Ver o meu corpo a nadar,

— Mas não é no mar, pariga,  
E não prima que a cantiga  
O que te digo, menina,  
Tu, que não lavas os pés,  
Tens em breve, em Anges,  
Uma formosa piscina.

— Seu inimigo, pra quê?  
O que é que me diz você,  
Ora está! E' muito boa,  
Deixe estar, seu ordinario,  
Seu ventas de salafrio,  
Que eu vou dizer a patrôa.

\* \* \*

Tio Florencio, veja lá  
As voltas que o mundo da,  
Que até a minha sopeira,  
Ao falar-lhe na piscina,  
Berra e toda ela se empina,  
Julgando que era uma asneira.

Mas ha muito inteligente  
Que pensa precisamente  
De semelhante maneira.

Zé Maria.

# ECOS DA SEMANA

A FINAL AS PORTAS DO SOL  
PARECEM MUITO MAIS JANELAS E  
OMIRADOURO, VENDOBEM, E  
MIRATEJO

EM CONSEQUENCIA DO VENTO TEM ESTADO MUI-  
TO CONCORRIDO, NA RUA AUGUSTA, O  
MIRADOURO DAS "PERNAS AO SOL"



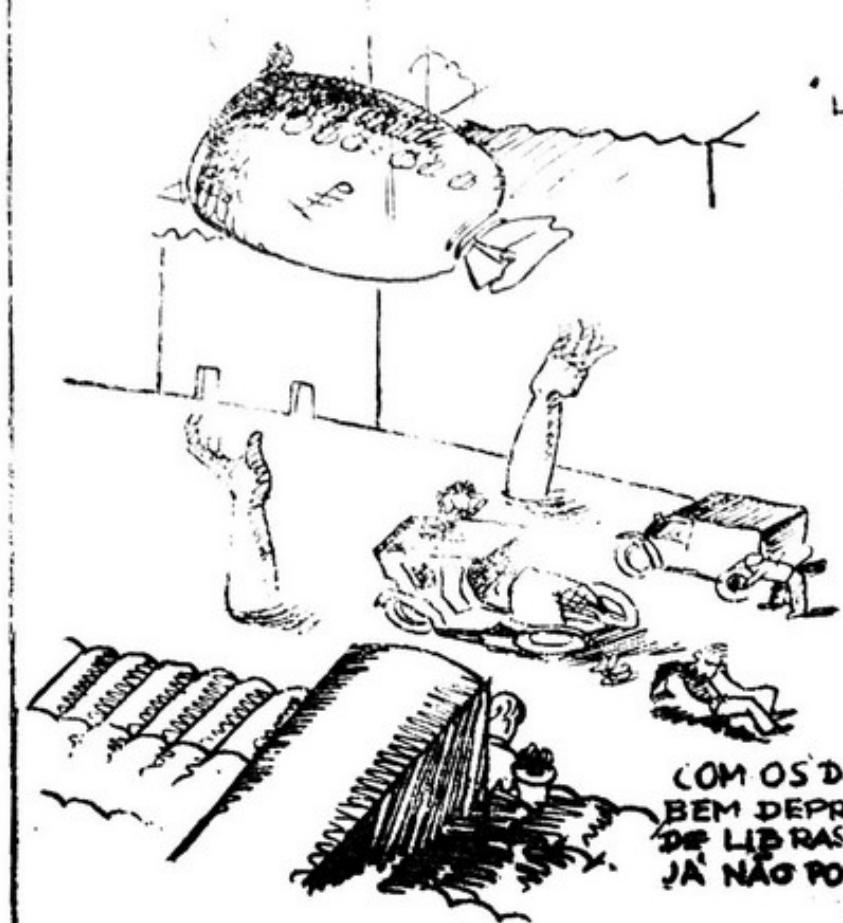
PEGOU A MODA  
DOS MIRADOUROS



=PACTOS EM FOCO=  
DEPOIS DO PACTO DE KELLOG  
É O PATO DO ROCIO O MAIS  
FALADO

A  
CAMINHO DE  
"JAMBURRIE"

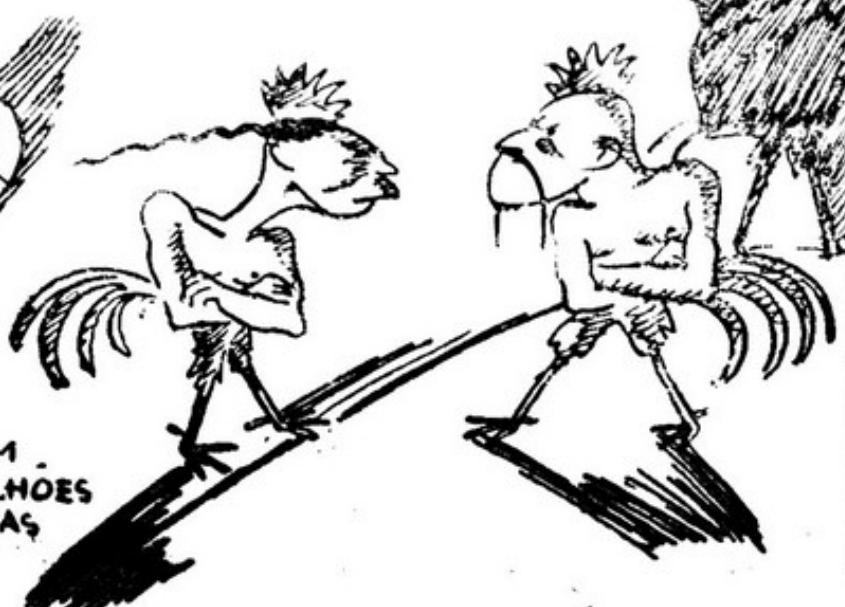
ESTÁ EM ORGANIZAÇÃO O REGIMENTO  
DE SAPADORES FLORESTAIS.  
DESTA VEZ SIM... VAMOS TER  
UMA SERRA DE MONSANTO  
QUAL UMA FLORESTA NEGRA



"LES BONS POINTS"

POIN CARE'  
FAC  
POINT FINAL

ENTÃO EM QUE FICA-  
MOS... PAZ E ÓNIAO  
OU PAZ CATRAPAZ?



COM OS DIABOS... VENHAM  
BEM DEPRESSA ESSES MILHES  
DE LIBRAS PORQUE AS RUAS  
JÁ NÃO PODEM ESPERAR  
MAIS

B O T - H O A